

Lloyds prevê dificuldades para renovação de linhas de curto prazo

por Roberto Baraldi
de São Paulo

O Lloyds Bank, um dos quatro maiores bancos comerciais credores do Brasil, manterá as linhas de curto prazo para financiamento do comércio exterior estendidas para o País, mesmo depois de abril do próximo ano, quando expira o acordo de renegociação da dívida externa firmado em 1988, que estabeleceu o compromisso de os bancos manterem essas linhas.

Paul Steele, superintendente de Comércio Exterior do Lloyds Bank no Brasil, avalia que o fim do acordo poderá representar uma redução entre 30 e 35% na oferta global de linhas de crédito disponíveis para o Brasil no âmbito do Projeto 3 (linhas para financiamento do comércio exterior). Essas linhas totalizam, atualmente, pouco mais de US\$ 10 bilhões.

As linhas do Lloyds Bank para o comércio exterior somam US\$ 600 milhões, segundo revelou Cristiano Gomes, superintendente-adjunto de Comércio Exterior do banco. Desse total, US\$ 400 milhões equivalem ao compromisso da instituição no Projeto 3 e os US\$ 200 milhões restantes representam compromissos de outros bancos, que emprestaram suas linhas ao Lloyds mediante o compromisso de repasse dos recursos para o financiamento de exportações e importações.

“O banco não vai retirar as linhas porque tem uma importante presença no Brasil e uma grande tradi-

ção internacional no financiamento do comércio”, disse Gomes. As operações de “trade finance” correspondem a aproximadamente 50% dos negócios do banco britânico no Brasil.

Segundo Gomes, o Lloyds Bank não comprimiu o prazo das linhas de Projeto 3 como outras instituições, garantindo em alguns negócios o prazo de 360 dias (com vencimento posterior a abril de 1991). As linhas de financiamento de comércio exterior eram, de forma geral, estendidas pelo prazo médio de 180 dias. Com o aprofundamento do

impasse da dívida externa, o prazo foi reduzido pelos credores para a faixa de 30 a 60 dias.

Além disso, a falta de um acordo na área externa afastou os bancos de menor porte, que, embora credores, não têm negócios implantados no Brasil. De acordo com estimativas do presidente do Citicorp/Citibank em recente entrevista, John Reed, as linhas de curto prazo sofreram nos últimos meses uma redução de US\$ 3 bilhões, devido à decisão de alguns bancos de venderem seus compromissos no mercado se-

cundário, afastando-se do risco Brasil.

EXIMBANK

Segundo Cristiano Gomes, a redução da oferta de linhas de curto prazo é uma reação previsível dos credores menores. O acordo firmado pelo México oferecia a esses bancos a alternativa de troca dos ativos de curto prazo por bônus de saída (“exit bonds”).

O governo brasileiro, de acordo com o executivo do Lloyds Bank, já sinalizou que vai aceitar com naturalidade a decisão dos bancos que resolverem cortar as linhas de curto prazo a partir de abril próximo. O projeto governamental de criar um banco para o comércio exterior (um Eximbank brasileiro), que está sendo desenhado por uma comissão nomeada pelo Ministério da Economia, é uma alternativa a essa possível reação dos credores, que evitaria o colapso no financiamento do comércio exterior.

O Lloyds Bank é participante do grupo que analisa a criação do Eximbank brasileiro e não descarta a possibilidade de participar da composição de seu capital.

O conglomerado britânico é credor de US\$ 1,544 bilhão, conforme dado do Banco Central, situando-se, entre os maiores bancos credores, atrás do Citibank (US\$ 3,44 bilhões), Chase Manhattan (US\$ 2,32 bilhões) e Bankamerica (US\$ 1,898 bilhão). O Lloyds Bank contabiliza em provisões o equivalente a 73% de seu “exposure” total no Brasil.